

É “gente que só o diabo”: “trabalhadores-cassacos” no labor das obras contras as secas no Ceará (1950).

LARA DE CASTRO*

“Ai atrás por esse meio de mundo vem gente que só o diabo”¹

No dia 19 de março de 1958, data em que ocorre os festejos católicos ao padroeiro do Ceará, São José, a população esperava a chuva que não caía e os fiéis católicos em procissão, ou de outras maneiras, rogavam pedindo ao santo que enviasse água do céu para as plantações. Enquanto isso, o migrante Manoel Santos cantava o trecho citado acima sobre a afluência de pessoas em retirada para a cidade de Fortaleza (CE) “em frente a hospedaria Getúlio Vargas”.

Os retirantes, esgotados com a caridade particular, afadigados de esperar recursos em seus locais de moradia e quem sabe até cansados de pedir ajuda do céu, migravam esperando auxílio do poder público, esperando definição para os seus problemas. Mulheres, homens, adultos, velhos e “meninos despidos e sujos, comidos pelo amarelão, autênticos comedores de barro e areia” logo que chegavam à capital cearense eram encaminhados para a hospedaria Getúlio Vargas. De lá saíam para outros estados, ou eram lotados em obras públicas em Fortaleza ou no interior, entre outros².

As frentes públicas de serviço, entre elas as do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS)³, faziam parte do projeto do Estado para atender ao excedente da população do campo que estava sem trabalho nas estiagens da década de 1950. Com as obras de emergências e os seus alistamentos a quantidade de operários chegou a cerca de 500 mil só

* Doutoranda em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

¹ Biblioteca Pública do Estado do Ceará. Setor de Jornais. Jornal *Gazeta de Notícias*, 19 de março de 1958. Trecho dos versos cantados pelo retirante Manoel Santos.

² Biblioteca Pública do Estado do Ceará. Setor de Jornais. Jornal *Gazeta de Notícias*, 19 de março de 1958. Os demais jornais utilizados nesse artigo também estão localizados no setor de jornais da Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

³ Em 1909 foi criada a Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS, que organizou a delimitação dos espaços sujeitos as estiagens periódicas, separando o polígono das secas do restante da região norte, dando início a pesquisas e construções. Em 1919 a IOCS passa a ser IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas. Por fim, em dezembro de 1945, marco do meu estudo no projeto de doutorado, foi promovida a reformulação da IFOCS, transformando-a em DNOCS, dando maior autonomia ao órgão.

nos primeiros meses de 1958⁴ nos estados nordestinos. Foram esses trabalhadores que erigiram ferrovias, rodovias, açudes, pontes, escolas, igrejas, redes de energia elétrica, campos de pouso, linhas telegráficas.

Os que interessam a essa pesquisa são justamente os migrantes que eram lotados nas frentes de obras públicas no interior, ou seja, o trabalhador-retirante, conhecido também como “cassaco”. Esse nome é emprestado de uma espécie de gambá no Ceará, Pernambuco, Paraíba e em outros estados nordestinos. Na Bahia esse animal recebe o nome de sariguê. Encontrado geralmente em lugares do interior, quem conhece o bicho cassaco sabe que ele é feio, sujo e muito fedorento.

Os retirantes chegavam às obras para a labuta com vestes precárias, esfomeados e sedentos e se a água nas construções era escassa até para beber era mais ainda para a higiene. Talvez por isso a comparação esdrúxula com o cassaco. É importante salientar que encontro referência à associação desse bicho ao operário-retirante em diversas categorias de documentos: fontes oficiais, entrevistas, jornais, literatura e também em fontes bibliográficas. Na publicação *Tipos e Aspectos do Brasil* do IBGE o cassaco é definido como “o simples sertanejo de rede nas costas que vive no ciganismo das construções públicas” (FARIA, 1966:108)⁵.

O polígono das secas na década de 1950 foi marcado pelas estiagens de 1951-1953 e 1958-1959 e seus problemas sociais. Mesmo possuindo mais de 200 açudes públicos – que no projeto daria à população acesso a água para beber e plantar, minorando sofrimento – o que foi assistido foi uma recorrência dos dramas anteriores: fome, migração em massa, dizimação de rebanhos, invasão de cidades, saques, epidemias, mortes.⁶

1.0 TORNANDO-SE RETIRANTES

⁴ Esses números são apontados em jornais que circularam no Ceará nesse período como *Gazeta de Notícias e O Povo*. Essa quantidade também é referenciada na fonte: Biblioteca do DNOCS. PASSOS, João Cândido Castro (Diretor Geral). Boletim de 1959. Rio de Janeiro: DNOCS. Pag. 29.

⁵ LAMARTINE DE FARIA. Oswaldo. Cassacos. In: *Tipos e aspectos do Brasil – coletânea da Revista Brasileira de Geografia*. IBGE – Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 8ª edição, 1966. P. 104.

⁶ Muitos açudes foram construídos nas proximidades de propriedades de autoridades privadas, atendendo principalmente aos interesses pessoais desses sujeitos e deixando os retirantes a mercê de favores.

Acabavam-se as reservas de gêneros, esmoreciam os animais e os sertanejos começavam a sentir os primeiros sinais dos problemas sociais causados pela seca.⁷ Desfaziam-se dos seus pertences, sozinhos ou com seus parentes migravam pelas estradas a pé, nos lombos de jumentos ao abrigo do sol, em trens, ou em paus-de-arara, com pouco alimento e roupas. No meio do caminho recorriam à caridade pública, passavam por privações alimentares, sofriam doenças e até o falecimento.

Concluindo o trajeto, muitos iam em direção aos grandes centros. As cidades, desaparelhadas para receber tal contingente, não podiam fornecer abrigo, alimento e muito menos trabalho, tornando-se teatro de tensão e turbulência. Outros migrantes, na intenção de evitar as mazelas de um percurso longo, procuravam obras que pudessem fornecer trabalho. É importante lembrar que a memória dos retirantes sobre os tempos de secas é marcada pelos registros de mortes, doenças, inanição, prostituição, antropofagia e suicídios. Assim, arriscar-se numa jornada mais curta, seguir o rastro das obras públicas, poderia ser a esperança de menos sofrimento.

Os episódios dessas migrações já têm registros na literatura e na historiografia. No entanto, o que se percebe mais claramente são os registros voltados para os que foram embora dos seus estados. E os que não foram? Por que, mesmo tendo na memória o cotidiano das frentes de serviço, escolhiam essa alternativa? E quais suas histórias?

Os retirantes reforçavam a cada estiagem prolongada o costume da busca por serviços em obras públicas. O escritor Lamartine de Faria⁸ discorre que “os anos secos” os faziam “caçar ganho nas construções do governo”. “Acodiam” de “todos os cantos” (FARIA, 1966:104), “isolados ou aos magotes”, “parecendo até mesmo que farejam o início das construções”. Alguns sertanejos já estavam habituados ao “ciganismo” das frentes públicas, saindo de diferentes lugares a procura de trabalho. Ao findar uma edificação seguiam para outras, até as chuvas regulares retornarem e assim a normalidade da plantação e da criação.

⁷ As informações contidas nos dois parágrafos seguintes sobre as migrações de retirantes são resultado de pesquisa realizadas por mim ao longo do mestrado e também no doutorado. As fontes utilizadas foram especialmente os romances literários como QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. 49 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1992; RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 98ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005; e o livro SOBRINHO, Tomás Pompeu. *O problema das secas no Ceará*. 2ª edição. Editores: Eugenio Gadelha & Filho. 1920. P. 23-27.

⁸ O escritor e agrônomo Lamartine de Faria nasceu em 1919 é um conhecido intelectual potiguar. Sua literatura disserta principalmente sobre o sertão seridó/Rio Grande do Norte.

Antes que as obras iniciassem as tensões começavam. Concentravam-se em cidades em desordem, invadiam trens, saqueavam casas comerciais.⁹ Os retirantes encontravam no agrupamento uma arma de pressão sujeitando o governo a lidar com o problema. Só a expectativa de um motim já era suficiente para deixar as autoridades amedrontadas. Por isso, as autoridades públicas iam tomando providências em forma de distribuição de “medicamentos, roupas e víveres” e através de planos de intensificação de obras no interior para “dar trabalho aos camponeses que abandonaram suas terras”, conforme *Jornal Tribuna do Ceará*, 28/03/1958.

O jornal *Gazeta de Notícias* em 25/03/1958 alega que “227 mil sertanejos” teriam “trabalho nos próprios locais onde” habitavam e as construções do DNOCS, principal órgão responsável pela arregimentação de trabalhadores, tornando-se pontos de aglomerações humanas. Conforme telegrama enviado à 1ª DR do DNOCS, logo que foi iniciada a estrada de rodagem que ligava o açude Aires de Souza ao açude Araras, a cidade de Cariré (CE) transformou-se em “ponto de convergência”, chegando “diariamente levas de flagelados famintos”.¹⁰ As obras carregavam o projeto de abarcar o maior número possível de retirantes e, iniciadas, a recorrência de pessoas a pedir trabalho se avolumava. Quando o Estado implantava frentes no interior não tinham a intenção somente de dar trabalho e evitar a fome, queriam também manter os retirantes longe dos espaços públicos, atalhando desordem e confusão. Paralelo a isso também existia o desígnio de evitar o deslocamento dos trabalhadores do campo com sua mão-de-obra.

Ou seja, a produção da agricultura mercantil seria fortemente abalada, já que os trabalhadores do campo cultivavam para sua subsistência, mas também realizavam tarefas em terras alheias para a agricultura mercantil a baixo custo para os donos de terras. Saindo do interior em direção à capital motivariam outros problemas, pois as cidades não tinham como asilar e auxiliar esses sujeitos, os equipamentos públicos não estavam arrançados para o excesso de migrantes. Assim, manter o homem do campo no campo era a tentativa de evitar desordens e que estas chegassem aos centros do poder pressionando mais ainda as autoridades a lidar com o problema. Ademais, passado o período de estiagem, os braços desses

⁹ *Jornal Tribuna do Ceará*, 28 de março de 1958; *Tribuna do Ceará*, 17 de abril de 1958.

¹⁰ Acervo 1ª DR do DNOCS. Fundo Açudes Públicos Ceará. Açude Araras. - 4. Telegrama enviado pelo prefeito de Cariré (CE), 6 de novembro de 1951.

trabalhadores estariam disponíveis para voltar à lida no campo. Desta maneira, pensar a seca não é mais pensar na ausência de chuvas, num prodígio natural com soluções exatas. Pensar a seca é pensar nos sujeitos das secas, nas experiências desenhadas naqueles períodos e em seus problemas sociais.

2.0 DE RETIRANTES A “CASSACOS”- OPERÁRIOS

Enquanto as autoridades políticas alarmavam-se com as situações que se desdobravam nas estiagens da década de 1950 e pediam soluções, os retirantes entravam novamente em cena, reemergindo nos discursos das autoridades, dos letrados e da política nacional. Com desembaraço, as autoridades se movimentavam para acalmar os ânimos dos retirantes e impedir as multidões que podiam atacar os principais centros urbanos e comerciais. A partir daí, dentro da lógica de racionalização dos socorros, foram espalhadas obras públicas no interior, uma estratégia já conhecida de outras secas para justificar os suprimentos encaminhados aos trabalhadores do campo.

Nesse tempo avolumaram-se as obras ditas emergenciais no semiárido, arregimentando um grande número de operários¹¹. Porém, as obras foram escassas para abarcar a cifra de necessitados. Em Iguatu, conforme o Jornal *Gazeta de Notícias*, 01 de abril de 1958, uma cidade fortemente assediada no estado do Ceará pelos retirantes, o chefe de obras dizia-se preocupado com “a afluência de rurícolas acossados pela seca em busca de ocupação”¹² e frente à “crescente onda de necessitados e à falta de gêneros alimentícios no fornecimento” o engenheiro reclama: “se não chegarem os recursos imediatos não sei o que pode acontecer” diante dos “milhares de necessitados” que “enfestavam as ruas”.

A concorrência de retirantes aos locais das obras era uma constante, os serviços eram “insuficientes para atender ao elevado número de necessitados” e faltavam gêneros para sustentar os sujeitos das secas. Os administradores políticos tentavam evitar a aglomeração com medidas temporárias, já que pairava o medo de que, fora de controle, os retirantes pudessem tomar atitudes surpreendentes, quem sabe até violentas. Esses migrantes – como constatado na fonte acima – eram assemelhados a uma praga que “enfestaria” as ruas

¹¹ Em abril de 1958 – citando o jornal *Tribuna do Ceará* de 15 de abril – os trabalhadores alistados no polígono das secas nas construções do DNOCS e DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) já chegavam a número perto de 210.000.

¹²

causando temor provocado pela situação de instabilidade, indefinição e vulnerabilidade pela ameaça.

2.1 ALISTAMENTO

Chegada a hora do alistamento, grande celeuma se estabelecia quando muitos retirantes dirigiam-se as residências dos engenheiros e da sua equipe para garantir seu nome na lista de trabalhadores. Muitas vezes era necessário instalar mais residências diante do número de necessitados a procurar ocupação, foi o caso da cidade de Granja e Peixe Gordo no Ceará no ano de 1958. (*Gazeta de Notícias*, 16 /04/1958).

Os alistamentos não tinham uma regra geral. Comumente nas mãos dos engenheiros e de outros empregados ordenados para fazer as listas estava a responsabilidade de negociar com a multidão. Os encarregados das obras tinham que acordar a capacidade da obra em abrigar muitos operários, a precisão técnica de cada uma delas e os deveres direcionados pelo diretor geral dos órgãos responsáveis pelas frentes de serviços. Era corriqueiro o hábito pelo qual autoridades públicas e particulares encaminhavam listas de pessoas para os funcionários do DNOCS ou DNER incluir nas obras objetivando assegurar assistência em tempos difíceis ao “seu pessoal”.

Em 1958, ano de eleições para governador, e, quando uma das maiores estiagens, com registro na história e na literatura, alcançou os estados semiáridos uma prática tomou evidência e estampou páginas de jornais: a troca de trabalho por voto. O periódico *Gazeta de Notícias* e o *Tribuna do Ceará*¹³ denunciavam tal prática de “alistamento feito conforme o partido”¹⁴. Na cidade de Icó (CE) “quem desejasse trabalhar deveria deixar seu título na mão do prefeito. Eleitores do partido contrário não tinham direito a coisa alguma” (Conforme o *Gazeta de Notícias*, 01/04/1958). Nesse ano foi necessário até o exército intervir diante das acusações aos órgãos das frentes de serviços.

Entendemos que as crises climáticas atiçavam uma estrutura de poder movimentada pelas instituições de combate às secas, coronéis e autoridades políticas. A máquina do Estado era ainda mais utilizada em tempos de estiagens prolongadas em prol de ganhos para as

¹³ Jornais diversos nos meses de abril-agosto. Citamos: *Tribuna do Ceará* em 15 de abril de 1958, 25 de agosto de 1958, 29 de agosto de 1958; *Gazeta de Notícias* em 01 de abril de 1958, 4 de junho de 1958.

¹⁴ *Gazeta de Notícias*, 4 de junho de 1958

autoridades. Com isso, ficava mais fácil garantir obras, verbas para socorros públicos que permitissem barganha para conquistar outros aliados políticos, ganhos econômicos e votos.

2.2 LIDA

Depois de se deslocarem a procura de remediar seus problemas, ajuntar-se em torno das obras e conquistarem uma vaga num serviço público os sujeitos do campo enfrentariam um cotidiano de muito trabalho, pouco ganho, precariedade de alimento e de saúde. Nesse contexto experiências diferentes das quais estavam acostumados eram agregadas no novo mundo de trabalho que se estabelecia nas obras contras as secas. Observemos a fonte abaixo sobre frentes de serviço na seca de 1958:

Vimos um velho atacado de emiplegia, cavando o que eles chamam de cabeça de gato, e de onde no máximo conseguiria arrancar quatro cruzeiros por dia. Um outro, nesse mesmo trecho, com luxação no joelho, quatro filhos a alimentar, um barracão e um feitor para completar tudo que faz nascer o desespero. Muitos dos cassacos ganham por metros cúbicos do que cavam.¹⁵

Logo que eram alistados nas obras, os retirantes procuravam se abarracar. Como narra o escritor sertanista Lamartine de Faria, eles “se arranchavam ao abrigo de algum telheiro, à sombra de um pé-de-pau” ou edificavam “latadas de ramos onde passavam a viver”. Os artefatos dessa morada se resumiam “a rede, um malote onde trancavam os guardados, alguns caixotes que também faziam a vez de cadeiras,” e a “clássica panela de barro no fogão de trempe.” (FARIA, 1966:104)

Imediatamente os trabalhadores iniciavam os serviços em algum trecho da obra. Mesmo esgotados pela caminhada de dias, esfomeados e sedentos atacavam os trabalhos, pois isso posteriormente seria revertido em comida para si e seus parentes. Em obras de grande porte como a do açude Pentecoste (CE)¹⁶, as simples tarefas de instalação já eram numerosas. Observamos esses dados em relatório de serviços.

Inicialmente eram levantadas residências dos encarregados das obras, casas conjugadas para auxiliares, prédio para escola, depósitos de oficina, instalação de força e luz,

¹⁵ MEDEIROS FILHO, João e SOUZA, Itamar de. *A seca do Nordeste: um falso problema*. A política de combate às secas antes e depois da SUDENE. Vozes. Petrópolis, 1988. Discurso do político Cortez Ferreira. Pedimos a vossência que diga ao governador para não nos deixar morrer de fome. Tribuna do Norte, Natal, 26 de agosto de 1951. P 70.

¹⁶ BERREDO, Vinícius. Relatório de obras de 1951. Rio de Janeiro: DNOCS

instalações para abastecimento de água, posto médico e subpostos médicos, galpões cobertos de telhas para operários e galpões cobertos de palha também para operários. Em obras como estradas de rodagens as instalações eram bem menores, geralmente habitações para auxiliares e engenheiros e barracões para os operários, depois as casas de ferramentas, oficinas, entre outros. Seguidamente vinham os afazeres de desmatamento e roçagem do terreno para depois seguir a estruturação da obra.

De uma forma geral os serviços realizados pelos “cassacos” eram trabalhos manuais como roçagem, corte de terra, extração de terra e pedra com pá, britamento de pedra com picareta, transporte de terra e outros materiais em carrinhos-de-mão. Fora isso, existiam os trabalhos que demandavam outros conhecimentos como de alvenaria para confecção de tijolos, telhas, adubos e erguimento de obras de “pedra e cal”; de ferragens para apontamento de ferragens, reparos de peças, confecção de grampos, parafusos; de pintura; de carpintaria e de marcenaria, entre outros.¹⁷

Ademais, não podemos esquecer de ratificar que as obras eram uma escola para novas profissões. A maioria dos retirantes era alocada para realizar tarefas manuais, mas existiam os que realizavam serviços que demandavam maior qualificação técnica. Quando o órgão não demandava braços qualificados para determinados serviços, faziam-no, na verdade, “o operário necessário a ocasião”.(GUERRA, 1927:18)

Lamartine declara que “muitos demonstravam certa especialidade funcional. Alguns eram “paleadores *de primeira*” (bons) e “criavam fama pela habilidade de sacudir a terra em grande altura”, fazendo cena quando a “pá dava uma cambalhota no ar e voltava às mãos do cassaco”. Os que trabalhavam nas “pedreiras” eram “ainda mais teatrais”. Os marreteiros faziam “piruetas com a ferramenta” que fugia pelo “sovaco” e voltava às “mãos do por cima do ombro do cassaco”, seguindo “num assobio soprado” que dava o “som à trajetória e no tinido da pancada, ritmo do coco, que faz a pedra mais maneira (leve):

“Ôôôôô — malha seu maia,

Ôôôô — malha malhado Vamos maia, Seu maia, Vamos maia,

Segundo a marcha do tempo: É roda-pé, cama de vento, É ferro novo de engoma.”

E quando chegava a noite, depois do serviço, ocorriam reuniões embaladas pelas

¹⁷ Essas descrições foram extraídas das seguintes fontes: BERREDO, Vinícius (Diretor Geral). Relatório de obras de 1951. Rio de Janeiro: DNOCS ; MENDES, Luiz (director Geral). Relatório de obras de 1954. Rio de Janeiro: DNOCS

cantorias, jogos ou “fobó” (forró). Os mais “Pilhéricos e mais despreocupados” ficavam “indiferentes às canseiras do trabalho” e não se mostravam “taciturnos” como outros sertanejos que estavam ali trabalhando até o inverno chegar. (FARIA, 1966:104)

Aqui percebemos o trabalho realizando-se com mais descontração, o que significa que as cenas dessa história não eram só as excruciantes imagens e notícias de horror e miséria. Novos costumes eram agregados num ambiente de trabalho diferente, complexo e diverso até nos sentimentos. Percebemos também como o cotidiano nas obras do DNOCS não era só de labuta, havendo o tempo do não trabalho. Fora o lazer da noitinha, os relatórios de obras de 1951 e 1954¹⁸ explicitam a construção de igrejas e escolas nas proximidades das obras hidráulicas maiores, constatando que além das festas, tinha o tempo da reza e da escola. Quanto ao tempo do descanso, existiam os trabalhadores que recebiam por produção e os diaristas, os horários de faina e de descanso para cada categoria eram diferentes.¹⁹ No entanto, lazer, religião e educação são pontos que interessam a minha pesquisa, mas precisam de mais.

Sendo assim, a ordem dos trabalhadores do campo era diferente da ordem dos engenheiros e técnicos das frentes de serviço. O saber técnico científico tentava incluir hábitos e costumes através de preceitos à cultura sertaneja, especialmente do trabalho. O confronto não era fácil, já que os trabalhadores do campo preservavam traços dos seus costumes tradicionais rurícolas. Vale informar que nesse contexto de serviço árduo e pouco conhecido da cultura do trabalhador do campo somado a fraqueza física dos operários-retirantes uma equação perigosa se estabeleceu, resultando em muitos acidentes de trabalho, derivando em incapacidade provisória, incapacidade permanente e até morte. Segundo números referentes à assistência médica, que estão anexadas ao relatório de obras do ano de 1951, foram notificados 3.773 acidentes de trabalho.²⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁸ BERREDO, Vinícius (Diretor Geral). Relatório de obras de 1951. Rio de Janeiro: DNOCS ; MENDES, Luiz (diretor Geral). Relatório de obras de 1954. Rio de Janeiro: DNOCS.

¹⁹ Fonte: Ministério da Viação e Obras Públicas. Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Legislação do DNOCS. Rio de Janeiro. 1951.

²⁰ BERREDO, Vinícius. Relatório de obras de 1951. Rio de Janeiro: DNOCS P. 75

Sob a roupagem de auxiliar os pobres das secas, as frentes de serviço do Estado também tinha a intenção de exaurir os conflitos desses sujeitos no campo e na cidade. O Estado, que já tinham outras políticas de combate às secas – leia-se também combate aos problemas que os retirantes causavam –, como migrações para o norte ou para o sul, reforçou nesses anos a prática de lotar retirantes em frentes de serviços. Entretanto, mesmo com o discurso que transformava os trabalhadores do campo em excedente da miséria, não podemos delegar as rédeas do processo histórico, no que diz respeito aos deslocamentos em épocas de estiagens, ao Estado, pois os retirantes agiam, atuavam e interviam, reclamando, gritando ou taciturnos.

As confusões provocadas pelos “cassacos” tornava incerta a situação política. Os retirantes provocaram excitações e o que puderem fazer foi confiar nas ressonâncias dessas agitações. É importante lembrar que os conflitos diversos provocados pelos problemas sociais das secas protagonizados pelos retirantes implicavam um certo tipo de auxílio mútuo no seu acontecimento, mas não satisfaziam fundamentalmente uma ordem pré-fixada, ou formalmente combinada, não existia um líder nem fins pré-estabelecidos.

A cultura de organização desses trabalhadores do campo “não era certamente revolucionária”, com referência a Thompson, “tampouco devemos descrevê-la como uma cultura deferente” (THOMPSON, 1998:62). O simples entendimento de que essas confusões desestabilizavam a ordem pública local, mudavam a rotina dos privados, causavam medo e perturbação e poderiam tornar-se organizadas era o suficiente para que as autoridades enxergassem esses sujeitos. Influenciada por E.P Thompson, entendo que estes retirantes não se revoltaram instintivamente, mas como agentes motivados pela ideia de estarem defendendo melhores condições de existência, ora de forma individual, ora de forma coletiva, já que defendiam ganhos para si, para parentes e para colegas.²¹

Os migrantes chegavam às obras contra secas e estavam acostumados a um mundo de trabalho cujo fim principal, não por isso único, era assegurar o alimento. Trabalhavam em

²¹ Frederico de Castro Neves alega que “por todo o século XIX as obrigações dos proprietários de terras no âmbito da relação de reciprocidade desigual – submissão versus proteção – foi se tornando um encargo cada vez maior”, o que dificultou a proteção dada aos retirantes em tempos de crise com a concessão de terras férteis e outros. Dessa forma o Estado assumiu o dever de amparar os retirantes em tempos de estiagens, quando passou a socorrer os retirantes. Isso se tornou costume no século XX e os trabalhadores do campo cobravam isso.

terras próprias ou alheias – comumente pelo sistema de arrendamento –, num princípio de cooperação familiar, fosse na lida com gado, no cuidado com a terra, nas tarefas domésticas e confecção de artefatos e artesanatos. Labutavam num ritmo particular e próprio, com suas ferramentas e em serviços que já estavam habituados, conheciam e dominavam.

A experiência na lida agropecuária era diferente dos trabalhos nas obras emergenciais que se aproximavam sobremaneira aos termos de um processo de trabalho industrial (parcelado, hierárquico, repetitivo, disciplinado, racionalmente organizado, etc...). Primeiro, o trabalho sob o comando de um feitor, dirigido por engenheiros e fiscalizado por diversos técnicos. Depois, o horário fixo e pré-determinado, marcação pelo tempo analógico, noção de temporalidade diferente dos hábitos camponeses, já que sua forma de organizar o tempo é pautada pela natureza e pelos costumes, é o nascer do sol e o pôr do sol, é o tempo de arar, plantar e colher, é o tempo do caju, da manga, é o tempo de inverno e de seca, é do tempo de festa e do santo protetor. Fora isso, ainda se tinha a divisão de trabalho em turmas e por tarefas, revelando a disciplina sob novos padrões.

Ou seja, ao chegar nas frentes de serviço os retirantes vivenciaram um novo cotidiano quando uma nova rotina se estabeleceu no mundo das obras contras secas no contato entre retirantes-operários e técnicos das frentes de serviços. O ritmo acelerado de trabalho, os horários definidos, a divisão de trabalho, a hierarquia e a obediência aos chefes, destoavam dos costumes do sujeito do interior afeiçoado ao trabalho no campo, pois, mesmo que pra alguns trabalhadores aquele serviço fosse conhecido de outras secas, ele era o significado do imediatismo, não pertencia ao dia-a-dia regular daquele trabalhador.

E na tentativa de incluir novos costumes de trabalho na cultura do sertanejo havia resistência. Prova disso é que quando os efeitos das secas se amenizavam muitos operários abandonavam as obras, pois preferiam voltar para seus pequenos pedaços de terra ou para os chãos dos outros onde trabalhavam na agricultura e na pecuária, especialmente. Isso ocorre porque os trabalhadores do campo se preocupam em assegurar sua alimentação e da família, o que faz parte dos seus costumes, da sua vida.

Dessa forma, operários-cassacos enfrentaram uma nova realidade de trabalho. O nexo social daqueles espaços não levava em consideração a cultura de trabalho dos retirantes e as habilidades que dominavam, a tentativa de adaptação desses sujeitos às obras seria

problemática tanto do ponto de vista técnico como do ponto de vista dos costumes. O Estado estava crente que cumpria seu dever, já que ocupava aqueles sujeitos para evitar conflitos e protestos. No entanto existiu uma exigência para o merecimento dessa assistência social que foi o trabalho árduo, disciplinado e mal pago.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval. M. *Palavras que calcinam palavras que dominam: a invenção da seca no Nordeste*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v.15, n 28, p.111- 120, 1995.
- ALMEIDA, José Américo. *Secas no Nordeste*. Ministério da Viação e Obras Públicas. 1953
- BURKE, Peter. *A escrita da história; novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CARVALHO, Rejane V. Aciole. *O estado, a Terra e O Coronelismo*. Rio de Janeiro: Coleção Mossoroense. Série C. Volume DCCI, 1991.
- CASTRO, Lara de. “*Avalanches de flagelados*” no sertão cearense: retirantes-operários e engenheiros na lida das obras contra as secas. (Série Conviver nº. 12). Fortaleza: DNOCS/BNB-ETENE, 2010.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 20. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- DUQUE, Guimarães. *Solo e Água no polígono das Secas*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 6ª edição, 2004.
- ESTEVAM NETTO, José. *DNOCS Ontem e hoje – sustentáculo da nascente civilização da seca*. João Pessoa: DNOCS, 1987.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981.
- _____. *Flashes da Seca*. Fortaleza: DNOCS, 1983.
- GUERRA, Otto. *21º Livro das secas*. Coleção Mossoroense. Série C. Volume CDLXIII. Rio Grande do Norte. 1989.

- HOBBSAWN, Eric j. *Os trabalhadores. Estudos sobre história do operariado*. Rio de Janeiro: paz e terra, 1981.
- _____. *Bandidos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- _____. *Mundos do trabalho*. São Paulo: Paz e Terra. 2008.
- LAMARTINE DE FARIA, Oswaldo. Cassacos. In: Tipos e aspectos do Brasil – coletânea da Revista Brasileira de Geografia. IBGE – Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 8ª edição, 1966.
- MEDEIROS FILHO, João e SOUZA, Itamar de. *A seca do Nordeste: um falso problema. A política de combate às secas antes e depois da SUDENE*. Vozes. Petrópolis, 1988.
- NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. *Economia moral versus moral econômica: O que é conomicamente moral para os pobres?* Projeto história. São Paulo.nº 16, p 39-57, 1998.
- NEVES, F. C. . *Seca, Pobreza e Política: o que é politicamente correto para os pobres?*. Trajetos (UFC), v. 7, p. 186-199, 2009.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História. Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RIOS, Kênia Souza. *Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder*. Fortaleza museu do Ceará/SECULT, 2002.
- ROSADO, Vingt-um (org) *Memorial da Seca*. Mossoró, 1981, Coleção Mossoroense – Volume CLXIII.
- ROSADO, Vingt-um e ROSADO, Américo. *17º livro das secas*. Mossoró, 1988. Coleção Mossoroense – Volume CDII. : Zahar, 1990.
- ROSADO, Vingt-un e ROSADO, Américo. *Décimo segundo livro das secas*. RN: Coleção Mossoroense. 1988.
- SOBRINHO, Thomaz Pompeu. *História das Secas (século XX)*. Mossoró: Coleção Mossoroense, volume CCXXV , 1982.
- SOUZA, E. *O Calvário da Secas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1983
- SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro. (orgs) *Fortaleza: história e cotidiano - Seca*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2002.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

14

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: companhia das letras, 1998.